José Rodrigues Miguéis: A Vivência e a Ficcionalização do Exílio

Maria Manuela Morais

José Rodrigues Miguéis foi o autor escolhido para o meu trabalho de investigação de doutoramento. Uma investigação que teve como resultado a elaboração de uma tese sobre os diferentes mecanismos de construção do romance migueliano – um trabalho de investigação que sugere, apresenta e defende diferentes perspectivas de estudo e análise. O que vos proponho aqui é apenas uma parte dessa investigação – a questão do exílio no romance de Miguéis.

A possibilidade de publicação de uma parte da minha investigação sobre este autor é deveras gratificante para quem pretende ver Miguéis estudado, revisitado, revalorizado… conhecido e divulgado, uma vez que me deixei seduzir pela sua palavra, pensamento e emoção sempre palpitante em cada peripécia, personagem, espaço ou tempo do universo romanesco.

Pretendo continuar a minha investigação sobre este e outros autores, e, por essa razão, encontro-me neste momento a realizar o meu pós-doutoramento, um trabalho de investigação alargado, do qual também faz parte o nosso Miguéis.

O romance migueliano encerra um convite constante a uma exploração da noção de ausência ou afastamento do *Eu* em relação ao outro e até a si próprio e ao seu grupo de pertença.

"O exílio como espaço privilegiado da ficção de Rodrigues Miguéis, seu tema dominante e obsessão dolorosa (...)."[1]

As personagens que participam na trama romanesca demonstram uma enfermidade social e/ou íntima, uma vez que apresentam, desenvolvem e optam por um percurso exílico que os afasta da sociedade a que teoricamente pertencem e cujos padrões de cultura adquiriram num processo de socialização. Esse percurso exílico poderá ser visto como a decisão final de um "Eu" ficcional que, não encontrando forma de sobrevivência intelectual e física, se afasta do meio, operacionalizando uma reacção de afastamento e de ausência que o isola e o marginaliza, encetando formas de vivência paralela que coloquem em causa o próprio meio que rejeitou e o outro que se mantém e que se demonstra inerte.

No fundo, este "Eu" ficcional de trajecto exílico tenta sobreviver ao meio, ao outro, contestando, criticando, opondo-se e negando a cumplicidade, a corroboração, a anuência a algo que vê como injusto, cego, castrador de vontades, de sonhos, de ilusões e de ideais. Assim, perante esta ausência, este afastamento, esta auto marginalização, o *Eu* desencadeia processos de vivência singular da solidão, sublimando, compensando ou recalcando a sensação de isolamento íntimo, social ou político, vivendo e sobrevivendo, por vezes, em realidades paralelas àquela em que o *Eu* objectivamente se insere. São processos de fuga a si próprio, ao outro e aos outros que atingem, em certas circunstâncias, a alienação espiritual e social do indivíduo. Esta fuga e esta alienação conduzem a um sentido de aniquilamento do *Eu*, efectivo ou simplesmente sentido, resultando no exercício da *morte* como válvula de descompressão de uma tensão individual ou social ou política, exigida por uma existência física integrada numa vivência socializante. E este exercício

[1] Eduardo Lourenço, "As Marcas do Exílio no Discurso de José Rodrigues Miguéis", *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, Editor Onésimo T. Almeida (Editora Gávea-Brown, 1984) 37.

da ideia de *morte* poderá corresponder ao aniquilamento físico ou à perda de ideais, de ilusões, de sonhos e à consciencialização da necessidade de um silêncio imposto que cala a indignação, a revolta e a voz de uma contestação consciente, lúcida e crítica. Surge, desta forma, a noção de fim – o crime que aniquilou formas de ser e de pensar do indivíduo enquanto existência singular e plural; o crime que se praticou como catarse libertadora, como exercício de um egoísmo calculista, como superação de ideais políticos eternizados pela contínua acção de atrofia do pensamento e das consciências: o crime que o *Eu* praticou ou que foi praticado sobre si.

Esta noção de morte, de crime, de fim poderá, como explicitámos anteriormente, adquirir um sentido literal, real, concreto, quando, surge de facto o crime de sangue, o aniquilamento físico de alguém… ou por outro lado, poderá adquirir um sentido figurado, presentificando-se como a metáfora de um percurso exílico que se exerce, se vive e através do qual o "Eu" ficcional sobrevive… onde os sonhos, as ilusões e certos ideais foram atingidos de morte… não podendo concretizar-se no meio em que se cresceu, viveu e onde se leva uma existência socializante… mas que se revestem de esperança real quando transladados para outros ondes e gentes.

O tema do exílio surge de forma recorrente em José Rodrigues Miguéis e mesmo de forma sistemática se insinua e se sugere nos seus romances, prefigurando-se como um assunto decorrente da experiência vivencial e da vida pessoal do escritor que se projecta numa ficção profundamente subsidiária do real vivido e experienciado.

> Tudo o que conta na obra de R. M. é intensa e obsessivamente autobiográfico. A arquitectura ficcional é uma máscara transparente quer da sua experiência imediata, ao rés da vida, quer do do seu personagem mítico de autor à procura de si mesmo. O que há de recambolesco e inegavelmente artificioso nalgumas fábulas de R. M. É secundário em relação à sua única temática: a do homem, simultaneamente estranho e estrangeiro.[2]

[2] *Idem*, 38.

Podemos mesmo afirmar que o *exílio* retratado por Miguéis é profundamente denunciador dos estratagemas do Estado Novo, regime ditatorial salazarista, na repressão da vida intelectual portuguesa. E os seus romances, nomeadamente *Páscoa Feliz*, atestam a

> história de um homem, mas também a de um país incoformado desde sempre com a sua estreira tira sufocante. (...) É por demais claro que *Páscoa Feliz* é a versão escrita, admirável, de uma pulsão suicidária que nós sabemos nada ter tido de fictício. Mas não é menos a metáfora de uma "frustração colectiva" provocada pela "lúcida loucura contagiosa do ambiente" a que se refere R. M. ao pensar na época em que o Sonho republicano se desfazia na lama e na incoerência. O seu autor não sucumbirá à tentação, *evadir-se-á realmente* e sem deixar de ser "estranho" assumirá a condição, paradoxalmente salvadora, de *estrangeiro*.[3]

> Uma bem precisa atmosfera política – a dos primeiros e já esclarecedores anos do longo reinado de Salazar – contribuiram para a expatriação de R. M., embora aluda a ela, nunca se acobertou sob esse pretexto "épico", "nobre", de perseguido político.[4]

Miguéis viu o seu nome censurado nos jornais, viu-se proibido de escrever na imprensa, viu negada a sua contribuição para uma reforma do ensino, e consciente da sua desilusão com a advocacia, condenou-se, como se sabe, a um auto-exílio, a um exílio voluntário exterior que vai conjugar-se com um um exílio interior de vivência de um isolamento íntimo.

Desta forma, surgem dois exílios nos romances, nomeadamente, o exílio exterior que englobará o isolamento exílico social e/ou político numa saída do país pátria para outros ondes; e o exílio interior que se revela na vivência exílica de um isolamento individual ou íntimo. Para termos uma visão mais concreta dos conceitos de exílio que aqui propomos, poderemos fazer referência aos estudos e conceitos apresentados por Paul Ilie. Assim, o con-

[3] *Idem*, 39.

[4] *Idem*, 38.

ceito de exílio exterior que atrás referimos corresponderá, na classificação de Paul Ilie, ao exílio territorial, aquele que implica um movimento de saída do território do país pátria; e o exílio íntimo corresponderá ao exílio residencial, uma vez que o Eu põe em prática, de uma forma imposta ou voluntária, uma certa marginalização de si mesmo, um afastamento de si em relação ao todo social que partilha e onde permanece.

"Uno, el exilio de los que se fueron a otros países, al que yo llamo exilio territorial. Y otro, el de los que se quedaron por las razones que fuera, y al que llamo exilio residencial o interior.", afirmou aquando da entrevista "Paul Ilie analiza la literatura española del «exilio interior»."[5]

O exílio em Miguéis apresenta estas duas dimensões, a exterior e a interior, por vezes cumulativas, do sentir-se só, porque estrangeiro, porque de pensamento ideológico diferente, porque estranho aos outros, porque diferente, porque perdido, por vezes mesmo em si próprio.

> A experiência *estrangeira* permitiu a R. M. colorir de obsessões e fantasmagorias o seu sentimento original de estranheza a si mesmo e ao mundo que o cerca, mas não o criou. Sem essa dimensão contudo, o simples exílio interior a que ele se refere como sendo o verdadeiro exílio, não teria adquirido a ressonância, a fundura, a dolorosa melancolia que impregna a sua errância.[6]

Para desenvolvermos o estudo da representação literária do exílio em Miguéis debruçar-nos-emos, dentro da panóplia da sua produção escrita, sobre o romance, nomeadamente *Uma Aventura Inquietante*, *Nikalai! Nikalai!*, *Um Homem Sorri à Morte com Meia Cara* (embora esta obra escape ao *corpus* escolhido, uma vez que se trata de uma narrativa confessional autobiográfica), *Páscoa Feliz*, *Idealista no Mundo Real*, *O Pão Não Cai do Céu*, e, sobretudo a Trilogia *Escola do Paraíso* e *Milagre Segundo Salomé I e II*.

---

5 *El País* – archivo – junio 1981.

6 Eduardo Lourenço, *op. cit.*, 43.

No romance *Uma Aventura Inquietante*, um romance que poderá ser classificado como policial, embora um policial não canónico ou ortodoxo, podendo ser visto como um "semi-policial" - um romance onde paira uma inquietude policial,[7] o exílio exterior de pendor social é de extrema evidência, tal como o é o exílio íntimo de que é enferma a personagem principal. O exílio é inegável neste romance e Eduardo Lourenço afirma mesmo que se trata de um "exemplo típico de literatura de exílio."[8]

O protagonista Zacarias de Almeida apresenta-se como um português, algo aventureiro, que procura em solo estrangeiro a riqueza e uma vida desafogada, ou, pelo menos, digna e sem grandes dificuldades. Esta personagem tinha já conhecido a fortuna e tinha já tudo perdido quando nos é apresentada pelo narrador do romance, quando nos surge perante os nossos olhos de leitor atento como o suspeito de um crime. Desde o início que acreditamos na sua inocência e na impossibilidade ou improbabilidade de prática do crime, porque também desde o início que somos confrontados com uma acusação cómoda que dá voz e expressão a um sentimento xenófobo de culpabilização fácil. Zacarias é o criminoso ideal em solo belga: era estrangeiro, sem raízes e sem parentes ou amigos dignos desse nome no seu país de acolhimento – era fácil culpá-lo, era cómodo e prático culpá-lo e apresentá-lo como o paradigma da criminalidade imigrante, uma vez que inocentava os autóctones e o utilizava como um bode expiatório credível, dado que respondia a um sentimento generalizado de intolerância social. Zacarias, ao longo do romance, bate-se pela inocência, grita-a bem alto, gritos que ninguém ouve ou ignora, porque se afiguram incómodos:

"Eu estou inocente!"[9]

É, contudo, de uma forma lúcida e racional, que está consciente das dificuldades a enfrentar nessa sua batalha, uma vez que sente e pressente, de

[7] Maria Manuela Morais, Tese de Doutoramento *A Construção do Romance em José Rodrigues Miguéis* – "A pluralidade dos Mecanismos Processuais de Escrita" (Porto, 2010) 88.

[8] Eduardo Lourenço, *op. cit.*, 42.

[9] José Rodrigues Miguéis, *Uma Aventura Inquietante* (Editorial Estampa, 6ª edição, 1989) 135.

forma dolorosa e angustiada, a intolerância, a rejeição, a marginalização que a sociedade belga lhe impõe:

"Assassino! Estrangeiro! Métèque! À forca! À forca! Abaixo os estrangeiros!"[10]

Zacarias sente-se só e isolado num país que não é originariamente o seu, mas que ele escolheu para viver, sente-se o alvo das atenções perversas e negativas que o tentam fazer pagar por um crime que não cometeu, mas que, na visão dos outros, podia e devia ter cometido:

"Tarde de mais, Monsieur d'Almêdá! Ah, eu conheço o estribilho – «Ces etrangers!» A estas horas tenho contra mim três quartos da população."[11]

E devido ao preconceito, a acusação é fácil, a investigação é reduzida e se não fosse a perseverança de Zacarias, o estrangeiro, o suspeito ideal e cómodo, em reclamar e provar a sua inocência, e a desconfiança dedutiva do inspector Rigaux, este protagonista teria sido acusado de homicídio, pelo simples facto de ser estrangeiro. Zacarias sente-se só porque é estrangeiro e, sobretudo, porque é apontado como estrangeiro, reconhecido como estrangeiro e diferente de todos os outros, vistos como normais e íntegros. Aqui, o exílio ganha uma dimensão interior, correspondendo a um exílio íntimo, pessoal, emocional, desencadeado por essa emoção do sentir-se isolado, perdido em si mesmo, do sentir-se só, decorrente, sem dúvida, desse exílio exterior que empreendeu e do isolamento social a que é votado. A este exílio, mesmo que tenha sido escolhido de forma voluntária, está associada uma emoção de injustiça, de diferença, de inferioridade, de distanciamento que coloca o protagonista à margem de uma sociedade, onde é apenas tolerado, sendo sempre visto, observado e considerado, como diferente, como um foco potencial de problemas, como pertencente uma espécie de parasitismo.

O exílio que este protagonista evidencia corresponde a um exílio voluntário de procura de fortuna, de sucesso numa tentativa de vencer "na vida".

10 *Idem*, 135.

11 *Idem*, 123.

As causas inerentes a este exílio social são intrínsecas ao "Eu" ficcional, são pessoais, individuais, não sendo motivadas por factores impositores do exterior que não a procura de condições de fortuna mais favoráveis. O exílio colocou-se ao protagonista que o aceitou como uma oportunidade de uma vida melhor, mais segura, mesmo como uma oportunidade de aventura num meio distinto do seu, onde poderia experimentar as suas capacidades de limites. Neste romance:

> A ficção de R. M., entre o burlesco e o absurdo, serve-lhe sobretudo para descrever a *condição estrangeira* que de *motu proprio* e até com íntima exaltação havia escolhido. Mas nela se podem detectar já as marcas, embora ainda provisórias e exteriores, de uma expatriação e de um *exílio* que de vocação se volverá destino.[12]

No romance *Nikalai! Nikalai!* evidencia-se um exílio exterior de teor social e político, uma vez que apresenta a comunidade russa em solo europeu, mais precisamente em solo belga. Trata-se de um exílio político, uma vez que este conjunto de indivíduos abandonou a terra natal devido às alterações do regime político que ditaram a queda do poder dos czares e promoveram a instauração de um regime de poder popular e comunista. Esta comunidade russa era ainda fiel ao antigo sistema político que lhe conferia identidade, pois era onde reconhecia o seu papel e a sua função como indivíduo e cidadão, sendo essa a realidade que se afigurava como o parâmetro que estabelecia as coordenadas de uma existência vivencial estritamente individual e também colectiva, era o modelo que regulamentava o agir. Uma comunidade que se isola em si própria, com os seus, e que é, de igual modo, assim perspectivada: uma comunidade à parte da sociedade belga, porque diferente, com os seus valores e anseios próprios, que vive isolada dos outros, no fundo, que vive ainda numa Rússia czarista, só que em solo belga, uma vez que apenas convive com os seus, com quem partilha um sonho passadista de restauração de um regime já morto numa demonstração do saudosismo messiânico que impede a vivência no tempo presente e que impede a integração na actualidade e no espaço belga. Uma comunidade que sofre a acção do preconceito,

[12] Eduardo Lourenço, *op. cit.*, 39.

uma vez que é vista e considerada como diferente no exercício preconceituoso de uma atitude de rejeição, de marginalização ou de indiferença:

"Os russos compungidos, nem pio! O que eles aturam![13]

Este exílio ou isolamento colectivo de todos aqueles que partilham uma identidade devido à confluência de uma nacionalidade, de uma pobreza e de um conjunto de sonhos ou esperanças promove um sentimento de solidão interior, um exílio íntimo que afasta as personagens da realidade e da luta pela sobrevivência, fazendo irromper o suicídio como a solução para solidão e a para a inadaptação ao presente e ao estrangeiro:

"Farto da vida, do exílio, das privações e da filosofia, o infeliz tinha-se enforcado de verdade: com o cinturão de couro."[14]

Neste romance, a questão do exílio coloca-se de forma acutilante, conduzindo a um aniquilamento físico de um dos "Eus" ficcionais da intriga romanesca. Aqui, o exílio exterior, de pendor social e político, é imposto por uma Rússia já tão diferente e distante do czarismo, uma Rússia bolchevique que faz partir todos aqueles que ainda suspiram por um czar morto e por uma família real – Romanof – sem já existência e importância. A este exílio exterior vem adicionar-se um profundo exílio íntimo, uma solidão, uma inadaptação, uma marginalização que irrompe em soluços existenciais e que agudiza a problemática do direito a uma vida respeitada, decente, que vale a pena ser vivida. Uma vida composta por desafios, quereres, vontades, sonhos, desejos... uma vida. Quando este exílio íntimo se torna insuportável, impossível de ser experienciado e vivido no dia-a-dia, surge a morte, primeiramente de ideais, de sonhos, de vontades... depois de um corpo que se une a um espírito que já não consegue debater-se, lutar... e ambos sucumbem – corpo e espírito – a esta solidão interior, a esta vivência do vazio.

Neste romance coloca-se a questão, ainda que sugerida, da impossibili-

---

[13] José Rodrigues Miguéis, *Nikalai! Nikalai!* (Editorial Estampa, 4ª edição, 2001) 101.

[14] *Idem*, 194.

dade do regresso do expatriado e exilado a uma pátria já extinta nos moldes do antigamente. Essa impossibilidade é encarada de forma devastadora pelos "Eus" ficcionais que pairam sem país ou pátria, numa semelhança do que foram no passado e numa inadequação gritante com o meio presente. Abordaremos mais extensivamente esta temática do (não) regresso aquando do nosso estudo de *O Homem Sorri à Morte com Meia Cara.*

Nestes dois romances de Miguéis encontramos os dois exílios, o exterior e o interior. O primeiro, porque houve da parte das personagens um movimento de saída do país pátria, onde se operacionalizou a socialização que tornou estes homens membros de uma certa sociedade, cujos padrões de cultura foram interiorizados e praticados, tornando estes indivíduos seres sociais. Contudo, por outro lado, essa mesma socialização contribuiu para uma consciencializção dos porquês da sua saída para um onde estrangeiro. O segundo, porque no onde de acolhimento as personagens sofrem de um isolamento marginalizante que se agudiza numa solidão incompreedida da sua existência física e mental. Desta forma, na nossa opinião, o exílio íntimo não existe somente no momento em que o Eu permanece na sociedade e no país que, por razões políticas, sociais e ideológicas, o marginaliza, promovendo um isolamento *in loco*. Também surge, de forma por vezes avassaladora, no momento em que se conjuga com o exílio exterior, porque mesmo se aqui o Eu escapou ao jugo censório de um regime ditatorial, não se evade da sensação de solidão, de isolamento... de ser diferente, na língua, nos hábitos, na forma de estar, de agir, de pensar e de ser. As diferenças deste novo *onde* poderão empreender uma segunda marginalização do Eu, uma rejeição efectiva da sociedade do país de acolhimento, ou uma rejeição sentida, experienciada a sós pelo Eu. Nesta conjugação dos dois exílios sobrepomo-nos à separação teórica destas duas formas de solidão, como nos propõe Paul Ilie, mas pensamos que, observando os Eus que perpassam as páginas dos romances abordados, esta conjugação poderá amplamente justificar-se. Digamos que teoricamente encaramos a divisão destes dois exílios como uma divisão metedológica que agiliza a compreensão de duas formas de sofrimento exílico que, contudo, na prática se podem sobrepôr, conjugar, entrecruzar-se na experiência de viver só.

José Rodrigues Miguéis, nestes dois romances, como em todos os outros, coloca muito da sua experiência pessoal, da sua vida, da sua vivência, da sua existência enquanto indivíduo e cidadão. Já afirmámos anteriormente este pressuposto, será nossa intenção neste momento comprová-lo.[15]

Uma Aventura Inquietante. A génese deste livro remonta a um folhetim de 1934, no mesmo momento em que Miguéis, a viver na Bélgica, contacta com expatriados russos e viaja por países europeus – experiências múltiplas relatadas na revista *Seara Nova*, na série de textos *Tablóides*, e fonte de inspiração para muitos contos de *Gente da Terceira Classe*.

A intriga romanesca deste romance desencadeia-se por um assassinato de uma jovem mulher, cuja carteira é encontrada por um imigrante português que a entrega à polícia, num estratagema ardiloso dos verdadeiros assassinos. E este factor torna-o o suspeito e o bode expiatório ideal para acalmar multidões, opinião pública, jornais... como aliás já abordamos na nossa exposição. E este facto da intriga decorre da verdadeira experiência vivencial e intelectual de Miguéis que um dia, em Bruxelas, encontrou uma carteira que entregou à polícia e que, enquanto na esquadra observado pelo agente de serviço, pensou... imaginou... e se esta carteira pertence a alguém já morto, assassinado?... E se eu me torno suspeito? E a partir deste facto circunstancial da vivência concreta de Miguéis surge a intriga, o romance e o imbróglio de acusação – defesa que caracteriza o romance que poderá ter a classificação de policial, embora em nada canónico ou ortodoxo.[16]

---

[15] José Rodrigues Miguéis, *Idealista no Mundo Real* (Editorial Estampa, 2ª edição, 1991), prefácio de Maria Angelina Duarte, 19, "(...) eles são autobiográficos em sentido geral, pois retiram muito da experiência pessoal e da análise dessa experiência."

[16] José Rodrigues Miguéis, *Uma Aventura Inquietante*, 273: "Um dia em Bruxelas (peço desculpa de estar sempre a falar das minhas Viagens & Aventuras; algum dia terão fim), ao dobrar uma esquina, achei uma carteira num resto de neve lamacenta. Era perto da uma, e eu ia a caminho do almoço. Tudo, desde então, se passou, como vai narrado neste romancinho.", "Três dias depois entreguei-a na esquadra policial do meu bairro, e o olhar de legítima deformação profissional que me atirou o agente de serviço deu-me o primeiro rebate da ficção. É claro que não cheguei a ser preso nem de outro modo incomodado, a não ser pela minha fantasia. E espero que a dona da carteira não tenha sido assassinada.", "Foi assim que, literalmente, tropecei no tema do romance.", "Ficou-me na cabeça. Germinou, cresceu, definiu-se. Ganhou traços

À semelhança do romance *Uma Aventura Inquietante*, também o romance *Nikalai! Nikalai!* é fortemente subsidiado pela vivência de Miguéis, ou pelo menos é desencadeado a partir de um facto concreto da sua experiência de vida.[17]

Pelo exposto, verificamos que a inspiração de Miguéis provém de uma certa experiência vivencial, de um facto presenciado, vivido, um pormenor da realidade que desencadeia o processo imaginativo da criação literária. Para nós, é verdadeiramente interessante como a ficção é subsidiária de uma certa realidade factual que depressa passa pelo crivo inspirador, transfigurador do intelectual escritor, assumindo cambiantes e contornos de uma ficção que representa em parte uma realidade, mas que, sobretudo, a reinventa, a faz ultrapassar a barreira do possível, atingindo os limites do imponderável.

Esta questão de um exílio decorrente da própria experiência do autor em solo estrangeiro, ressalta de novo na obra de Miguéis, mas, desta vez, num relato confessional e autobiográfico em *O Homem Sorri à Morte com Meia Cara*, onde Miguéis nos surge como um exilado / emigrante nos EUA. Um emigrante num exílio exterior, de teor político e de desilusão social, que o fez abandonar o país e o seu povo numa tentativa de sobrevivência intelectual, ideológica, política e social que não comprometesse os seus ideais, a sua forma de pensar, sentir e agir sobre a sociedade e o mundo. As suas ideias de liberdade individual e colectiva tornaram-no incómodo e vulnerável num país que experimentava o domínio de uma ditadura política que castrava a

de sátira e filosofia. Passados dois ou três anos, em Lisboa e 1934, eclodiu."

[17] José Rodrigues Miguéis, *Nikalai! Nikalai!*, 200-201: "A ficção torna-se assim, para mim, uma forma de experimentação com o risco, um repto real ou imaginário, semelhante aos de muitos sonhos, fantasias e nevroses: (...) é sempre tratando de realidades, embora só aparentes, abstractas ou meramente especulativas, que uma obra nos interessa.", "Em 1929-30, dois emigrados portugueses, o major Faria Leal e o tenente Dias Jorge, levaram-me um dia à pensão russa de Ixelles, onde comiam por economia. (...) O incidente-escorva do romance foi o rapto do general kutiépov (ou off?) em Paris e 1930.", "Ao entrar numa noite de chuva num estaminé da Rue Haute ou da Rue Blaes, fiquei siderado pela semelhança de um chômeur, que ali estava, com o ex-imperador. Foi o meu ponto de partida."

ideia, a investigação, o estudo e calava a consciência de si e do outro numa tortura silenciadora de vontades, de desejos e de visões de liberdade e libertação. Este exílio conduziu Miguéis sempre a um sentimento de eterna saudade em relação a Portugal e ao seu povo, sabendo, contudo, sempre apreciar o espaço onde vivia, comparando-o irremediavelmente a Lisboa:

"Procurava talvez dar expressão à minha esperança e vontade de viver, de retornar à minha gente (...)."[18];

"(...) o largo rio com os seus navios, ferry-boats e rebocadores, e mais longe das docas, os perfis, fumos e névoas de Brooklyn, que me traziam uma nostalgia das distantes visões de Lisboa da minha infância."[19]

Sabia também apreciar o povo com quem partilhava uma sociedade feita de nacionalidades heterogéneas. Podemos eventualmente afirmar que Miguéis se exilou no estrangeiro, porque pretendeu ser livre, porque quis pensar de forma livre, porque não suportou a opressão de um poder que se eterniza pela força repressiva de pensamentos, de ideais e de expressões artísticas que permitem uma evasão subtil. Miguéis exilou-se, procedendo dessa forma a um exílio a que poderemos apelidar de voluntário, embora seja no seu âmago um exílio voluntário forçado por factores externos ao escritor e que o conduziram a uma ausência do seu país. Miguéis exilou-se no estrangeiro, mas nunca abandonou as suas origens, nunca esqueceu o que era ser português mesmo perante uma sociedade cosmopolita feita de uma massa heterogénea de pensares, de padrões culturais diversos e de comportamentos idiossincráticos sociais paradigmáticos. Miguéis sempre passou a sua vida em locais diferentes, por necessidade de trabalho ou de investigação, nunca se confinou em definitivo a um só espaço:

"De regresso a Nova York, depois de uma estadia de quase um ano (1949-50) no Brasil (...)."[20]

---

18 José Rodrigues Miguéis, *Um Homem Sorri à Morte – Com Meia Cara* (Editorial Estampa, 4ª edição, 1989) 33.

19 *Idem*, 51.

20 *Idem*, 105.

Este relato é feito na primeira pessoa, o que reforça a presença da intimidade do "Eu", dado que neste discurso o texto toma o "Eu" factual criador por ele mesmo, convocando-o como objectivo primordial e narrando um certo momento e percurso de vida.[21] Este relato na primeira pessoa promove antes de mais o desnudamento do "Eu", num esforço sofrido de auto-interpretação e conhecimento, numa revisitação de si próprio ao seu passado íntimo num esforço de confissão e análise.[22] Todo o escritor ou "Eu" factual criador, como frequentemente o denominamos, tem algo a dizer, contando um segredo, de si e do outro, e essa vontade de confissão, de análise e de revelação tem o nome, segundo Gusdorf, de *Liberdade*, de criação, de expressão e de imaginação.[23]

O relato confessional e autobiográfico que aqui analisamos revela, desta forma, um discurso na primeira pessoa que nos faz partilhar a vivência experiencial de uma doença quase sempre fatal, num hospital de New York, em tempo de guerra, a segunda, por volta de 1945. Aí, isolado dos seus familiares, e experienciando um profundo sofrimento físico e mental, Miguéis soube o que era ser um exilado, não porque tivesse recebido um tratamento diferente ou negligenciador, pelo contrário, mas porque soube o que era estar só perante a morte ou a ideia da partida irremediável, porque soube apreciar os pequenos pormenores da existência, porque soube transformar o seu exílio pessoal de cidadão doente num percurso de vida que se aceita com emoção e com a naturalidade da consciência da limitação do ser humano:

"Que amizade a nossa, através de tantos contrastes e discordâncias de ideias! Quanto fiquei eu devendo aos brasileiros no meu exílio."[24]

A consciência do exílio exterior, social e político, desencadeou, no

---

21 Georges Gusdorf, *Les Écritures du Moi*, Chapitre 6 "Écriture comme Alchimie" (Éditions Odile Jacob, Janvier, 1991) 123, "L'étude des écritures du moi doit embrasser sans discrimitation tous les textes où le sujet écrivant se prend lui-même pour objet, (...)."

22 *Idem*, 133.

23 Georges Gusdorf, Chapitre 7 "Le Territoire des Écritures du moi", in *op. cit.*, 170.

24 José Rodrigues Miguéis, *Um Homem Sorri à Morte*, 52.

momento e vivência da doença, um exílio íntimo e reflexivo que lhe permitiu reviver passagens da sua vida e da vida da sua família, lhe permitiu encontrar a serenidade perante a ideia de fim e lhe possibilitou conhecer e vencer a morte de perto:

"Esta é talvez a maior lição. A morte perdeu todo o seu poder mágico e assustador."[25]

Este exílio permitiu-lhe renascer:

"A vida tinha para mim um sabor novo, de coisa reconquistada ou reaprendida."[26]

Tal momento corresponde a um tempo reflexivo existencial, onde se ponderam as causas de um exílio, os porquês, os efeitos, os condicionalismos, enfim, toda a rede de *ses* e de *porquês* que surgem na mente de Miguéis, que lhe martelam o pensamento até ao momento que se pacifica consigo mesmo e aceita de forma apaziguada a situação que vive no momento presente. Podemos dizer que os momentos vividos na angústia do fim, da dor e da solidão lhe permitiram o reencontro consigo mesmo e com os outros, numa aceitação activa do que é ser, pensar, viver, escrever longe da sua terra mas trazendo-a inexoravelmente na sua memória, num pensamento que a representa e a pinta por palavras em intrigas, em romances, em histórias que reinventam vivências e sentires. Não foi só de exílio que Miguéis aqui reflectiu, mas também de possibilidades de regresso ao país-pátria. O tema do desejo do regresso e o reconhecimento da sua impossibilidade está bem presente neste registo existencial de cariz autobiográfico.

Miguéis toma consciência que voltar corresponde ao seu ideário e a uma impossibilidade, ou a uma possibilidade sem realização. Isto porque a sua existência nesse seu país-pátria é ténue, não é sabida por outrem, não é conhecida pelos demais e só de forma frágil o seu nome é mencionado. Miguéis apercebe-se da sua não existência na sua terra, como se uma força com-

25 *Idem*, 107.

26 *Idem*, 100.

batesse a sua memória. Era alguém que quase não se conhece, ou se conhece mal, que fez a sua vida lá longe e que foi forçosamente esquecido, não lembrado... o silêncio imposto ao seu nome ainda hoje não se desfez... ainda resta aprisionado nessa censura ditatorial que o fez esquecer.

Este relato autobiográfico afronta assim o problema do retorno com a consciência de que o ser errante é uma característica do Homem e de que nunca se volta completamente do exílio, nunca acontece um regresso pleno porque nada corresponde à imagem que a memória reteve. Não se volta ao que se deixou, porque este se alterou e o próprio *eu* já não é o mesmo. Dessa forma, o regresso completo é uma quimera, uma impossibilidade real... onde duas transformações se concretizaram e inviabilizam no presente esse voltar ao que se abandonou que entretanto se transformou num outro espaço e sociedade com outras gentes e pensares e o *eu* que é difere do *eu* que partiu... o *eu* já não é o mesmo que antes era... pensa diferente, age diferente, sente diferente... É o próprio Miguéis que assim o afirma com uma clarividência quase dolorosamente consciente do seu regresso sonhado mas impossível a propósito dos russos em *Nikalai! Nikalai!*...

> Isso a que chamamos Nostalgia – dor-do-lar, saudade ou longing – é apenas o anseio de auto-identificação e permanênciana infinidadedo espaço-tempo (...). O drama reside em que desejamos ao mesmo tempo viver (...) e permanecer. (...) Sabemos racionalmente que nunca se volta ao lar (...). Ora, não voltar ao passado, ou não o perpetuar no presente, é perder o que somos-fomos, até como memória (...). Quando julgamos regressar a um ponto do espaço-tempo, deixámos de ser quem éramos; e assim quanto ao lugar de destino. Não há regresso, mas apenas avanço. (...) Também estes meus emigrados russos pretendem regressar a algo que perderam, identidade ou mito: e não compreendem que o seu meio de origem evoluiu histoticamente, como eles evoluíram pessoalmente, perdendo assim o pé no fluxo da sua anterior realidade. Aos olhos dos que lá ficaram, mesmo na resistência ou no protesto, eles seriam estranhas sobrevivências: aqueles visionam o futuro a partir das condições presentes, boas ou

más, e não de um momento ou still do passado.[27]

A escrita de Miguéis é percorrida por este inevitável desejo de regresso, algo que nunca se virá a concretizar, como já referimos, e que poderá ter contribuído, em certa medida, para este insustentável esquecimento. Pensamos que este esquecimento deverá ser *esquecido*... ultrapassado... e é nossa obrigação fazer voltar este escritor ao domínio da lembrança, da memória, da leitura. É premente ler Miguéis, conhecer Miguéis e apreciar a sua prosa desembaraçada, a palavra livre, irónica, nostálgica, dolorosa e pungente, onde a grande clareza de estilo pinta retratos de *eus* e de *nós*, de *ondes* e de *quandos* num ensejo de representação denunciadora e transformadora de vontades, atitudes... de pensamentos e acções. E como nos afirma Eduardo Lourenço

> Esta a ficção. Este sem dúvida o Sonho que lhe ficou nas mãos exiladas à hora de partir. A realidade, como sempre, foi um pouco diferente. O barco não regressou ao cais. Por isso aqui estamos todos nesta terra do seu Sonho-Exílio e dos seus sonhos exilados para endereçar em comum as nossas *Saudades para Rodrigues Miguéis* – escritor português, morto de solidão às portas do Paraíso que sempre buscou para fugir a ela e se encontrar consigo.[28]

Deixámos propositadamente o estudo do romance *Escola do Paraíso* para o final desta parte da nossa exposição, uma vez que se revela algo divergente do rumo e orientação dos romances anteriormente estudados. Vejamos porquê.

No romance *Escola do Paraíso* surge uma referência algo breve, ou melhor, algo secundarizada perante outros assuntos ou factores do romance, à origem ou nacionalidade do pai de Gabriel, o senhor Augusto, ou Augustín. Aquele que tinha um estatuto de imigrante que lhe conferia a certeza de uma diferença, mas, desta vez, uma diferença positiva, porque o singularizava pela sua alegria e forma positiva de estar no mundo. O exílio que surge neste

---

27 José Rodrigues Miguéis, *Nikalai! Nikalai!*, Nota do Autor, 198-201.

28 *Op. cit.*, 45.

romance corresponde a um afastamento da terra natal por motivos familiares e por razões económicas de procura de riqueza, não sendo de todo estranho o desejo eterno de aventura e da vertigem do desconhecido. O senhor Augusto era de origem galega, portanto espanhola, e os seus pais, particularmente a sua mãe, demonstravam nos comportamentos e atitudes a origem "salerosa" dos seus antepassados. Neste romance, não se coloca a questão do exílio como um estigma negativo que se concretiza numa segregação discriminatória, nem como uma coordenada discursiva da trama romanesca. É, antes de mais, um pormenor que irá funcionar como suporte justificativo de atitudes e comportamentos idiossincráticos de certas personagens e em particular do senhor Augusto.

O exílio interior, como dissemos, pode ser experienciado enquanto se partilha o espaço de vivência na sociedade que voluntariamente o *eu* rejeita, ou seja, o indivíduo não pactua com o meio em que se insere, rejeitando respeitar normas e leis que se opõem ao seu sistema de valores e de ideais, excluindo-se voluntariamente como cidadão participante da sociedade, enveredando por uma vivência marginal de oposição, de luta, ou simplesmente, de silêncio. E aqui poderemos referir o exemplo de Gabriel, personagen central do romance *O Milagre Segundo Salomé*, como veremos um pouco mais adiante na nossa exposição.

Nesta vivência exílica, o *eu* usufrui de toda os padrões que o fazem sentir em "sua casa", como a língua, a gastronomia, os costumes, as ruas conhecidas, as paisagens que integram memórias, os amigos, a família. Contudo, o seu isolamento é gritante, como se fosse o elemento derradeiramente sobrevivente de um pensamento esclarecido, fazendo parte de uma minoria, o que agudiza a angústia, o sofrimento, o medo, a desilusão.

Nesta parte da nossa exposição vamos observar o exílio interior de exclusão voluntária mas entre fronteiras, ou seja, na sociedade onde o *Eu* se viu crescer e tornar adulto.

O exílio íntimo ou individual surge-nos numa confissão, na primeira pessoa, pela voz de Renato Lima, o protagonista do romance *Páscoa Feliz*. E embora o relato se apresente na primeira pessoa, não se trata de um texto

autobiográfico, não temos perante nós uma revisitação do universo vivencial migueliano. Como afirma Georges Gusdorf: "On peut ainsi faire apparaître qu'un livre présenté commme une autobiographie n'en est pas une, (...)."[29] Apresentando-se como tal para criar uma ambiência de maior confidencialidade, proporcionando uma crescente intimidade entre o "Eu" ficcional e o leitor, o que favoreceria a confissão de um e a compreensão do outro. Este homem confessa o seu crime de sangue, concretizado no homicídio do patrão, sendo o mais relevante a salientar dessa confissão o assumir de uma inadaptação à realidade e à sociedade que lhe impõe uma conduta e normas de vivência e de convivência que lhe são progressivamente intoleráveis até ao limite da loucura ou do adormecimento da consciência. O distúrbio psíquico de Renato Lima isola-o do mundo e fá-lo entrar num universo paralelo onde não existem regras sociais a cumprir, onde não há tarefas e papéis sociais, onde apenas se pode dedicar a pensar em si, numa atitude individual e egocêntrica que anula qualquer interacção com o outro:

"Foi no sonho que me encerrei."[30]

Esta personagem comete o crime como forma de libertação da sua ligação aos outros e à sociedade e tenta desta forma, através da violação de uma das regras da sociedade, ou seja, a preservação da vida do outro, quebrar o elo que o liga ao colectivo, onde não tem lugar e onde não consegue viver.

O exílio íntimo desta personagem é, ao longo do romance, progressivo e ascendente, uma vez que há da parte de Renato uma tentativa de se sentir normal e integrado, cumprindo o papel de trabalhador, de marido e de pai. Contudo, o sentir-se diferente e diverso dos outros sempre esteve lá, em si, latente e palpitante, explodindo, por vezes, adormecendo outras. Gradualmente, afasta-se da mulher que lhe é cada vez mais intolerável, sentindo uma enorme angústia pela incapacidade que pressente em sentir, pensar e agir de forma dita normal. Assim, enterra-se numa vida desregrada de esbanjamento, de noitadas, de experimentação do dissoluto, numa tentativa de esquecer a sua inadaptação. Negligencia o trabalho e desvia o dinheiro da empresa do

[29] Georges Gusdorf, Chapitre 6 "Écriture comme Alchimie", in *op. cit.*, 119.

[30] José Rodrigues Miguéis, *Páscoa Feliz* (Editorial Estampa, 8ª edição, 2001) 34.

patrão, rouba para manter o género de vida em que afoga a mágoa de se saber diferente e de se desejar comum:

"Oh, a minha vida foi uma tortura bárbara, mongólica, que eu suportei com a coragem de um estóico."[31]

O clímax da sua vivência de fingimento é atingido com o crime que comete e que finalmente o liberta da pressão da sociedade e da presença do outro. É com anseio que encara a prisão, é com uma enorme satisfação que se vê isolado, a sós consigo e em diálogo consigo, apenas lamentando, e ainda assim de forma passageira, o não poder cumprir o papel de pai. O filho foi sempre aquele que agudizou a angústia de se saber diferente, e é por este filho que Renato desejava ser comum, levar uma vida comum, igual a tantas outras. Mas a consciência da sua diferença e da sua incapacidade para viver em sociedade foi mais acutilante e determinou o afastamento social e o seu isolamento do colectivo.

É também em Deodato da Cunha Baltasar do romance *Idealista no Mundo Real* que vamos encontrar um profundo exílio íntimo e pessoal, no momento em que se acha a sós consigo mesmo num mundo pleno de corrupção e de engano. É esta profunda solidão da personagem que a torna como que num ser marginal à sociedade, à qual sente não pertencer e à qual não quer pertencer, pelo menos não como um cidadão a mais que não tenta fazer a diferença na sua acção de homem de leis que luta por uma sociedade mais justa e mais sã.

Deodato sente-se profundamente isolado, um ser à parte da sociedade a que pertence e em que, teoricamente, se deve integrar num esforço de trabalho individual para produção de um trabalho colectivo:

"Sentindo-se só (...)."[32]

---

31 *Idem*, 65.

32 José Rodrigues Miguéis, *Idealista no Mundo Real* (Editorial Estampa, 2ª edição, 1991) 47.

Esta personagem, com um nível de consciencialização fora do comum, apercebe-se, intimamente, da sua inadequação ao todo social e judicial, auto-marginalizando-se quando infere a corrupção do meio judicial em que gostaria de singrar como homem de leis:

"As classificações de Coimbra e o que sabia de verdade o ajudariam a singrar."[33]

A sua solidão é consciente e advém da intuição lúcida da sociedade e de todos os trâmites de «como exercer a lei»:

> Sentiu-se profundamente só, nu, e como que revelado. Fora ele ambicioso ou combativo (era-o: mas de coisas e com armas diferentes), e seria aquela a altura de romper hostilidades, de se tornar temido; ou de submeter-se pressurosamente, em acto de penitência ou reconciliação. Nada disso porém era para o seu carácter, ferozmente sequioso de verdade e responsabilidade. Não se submeteu nem revoltou: não podendo transigir, esquivou-se, requintou de afectada indiferença.[34]

A sua pureza interior aguça a sua consciência que «vê» nitidamente a incapacidade pessoal em defender ou acusar num tribunal contaminado pela deterioração política, económica e, sobretudo, ideológica ou moral:

"Que outras e maiores transgressões se preparavam na sombra? Pela sua parte, se se sentia incapaz de lutar, não queria submeter-se, pactuar com a injustiça: era superior às suas forças."[35]

Digamos que Deodato sofre de uma crise de consciência – gostaria de ser o homem de leis que, com competência, defende, acusa e julga num tribunal isento de questiúnculas pessoais de cobiça, inveja, ou manipulação

---

33 *Idem*, 43.

34 *Idem*, 63.

35 *Idem*, 266.

política de ideais, de inocências ou culpas. A crise de valores que o rodeia não o contamina, não o convence, pelo contrário, impele-o a ser igual a si próprio, pagando assim, o preço elevado da solidão, do isolamento, da marginalização:

> Que ando eu a fazer no mundo, a iludir-me? A mascarar a minha cobardia? A esquivar-me à responsabilidade e à luta, a procurar refúgio nas Ideias, na Literatura? (...) Tem de haver no mundo um lugar para os objectores de consciência, os sonhadores, os idealizadores. Se esse lugar não existe fora da minha consciência, quero ao menos manter-me fiel a essa única virtude que me sinto...[36]

E só quando deixa de tentar pertencer a um meio que o repugna é que ganha a sua liberdade; só quando se liberta da obrigação de pertencer a algo que nega pelo pensamento e pela acção é que se sente livre e feliz no seu isolamento solitário, uma vez que a sua marginalização, o seu exílio íntimo, corresponde a uma consciência de si, do outro, do mundo e da sociedade em decadência.

No romance *O Pão Não Cai do Céu*, encontramos a personagem José Boleto, profundamente enfermo de um isolamento individual motivado pelas suas convicções políticas. O seu exílio íntimo é suscitado por razões externas do foro político e social que o conduzem a uma marginalização comunitária, mas também a um isolamento interior, sentido de forma revoltada, o que o conduz a uma acção interventiva na sociedade que o rodeia. E Boleto intervém, proclamando a sua opinião, dando a conhecer o seu pensamento e a sua visão de uma sociedade mais justa e mais equilibrada, enfim, uma sociedade que erradicaria a fonte das desigualdades e das injustiças entre pessoas.

Este "Eu" principal sente e demonstra uma elevada consciencialização da sociedade sua contemporânea, tentando, pela palavra em conferência ou pela escrita algo subversiva, modificar situações e mentalidades. Desta forma, vê-se isolado e marginalizado da Faculdade no ano da formatura, sendo expulso, devido a um discurso atentatório contra a ordem e pensamento estatais – vê-se impedido de concluir a sua formatura como professor,

[36] *Idem*, 269.

porque é visto como um indivíduo perigoso para o regime, podendo influenciar aqueles que iriam receber os seus ensinamentos:

> O ano de formatura tinha-lhe corrido mal. A polícia interrompera e proibira a sua conferência sobre o Baixo Alentejo; fora-lhe vedada a publicação da mesma Revista dos estudantes da Faculdade; por fim, com a «parede», em que tivera papel activo e dirigente, fora expulso da Universidade.[37]

É marginalizado, é isolado, é posto à parte da vida pública e social dita normal, pelos outros e por si próprio, uma vez que se recusa a ceder, a deixar de pensar como o faz, a deixar de saber, a deixar de se aperceber, a deixar de estar consciente da injustiça, da censura, da perseguição e da manipulação do poder através do controle da justiça, da lei, da ordem e da mentalidade:

"A sua gente, mal vista dos poderes distritais pelas opiniões democráticas, estava em precária situação devido à crise agrária."[38]

José Boleto vê-se e sente-se isolado no seu pensamento, na sua acção, nas suas convicções que nem todos percebem, por comodidade ou por medo. E esta personagem isola-se no Alentejo, seu lugar de nascença e de pertença, tentando, a uma escala quase somente individual, apenas acompanhado por alguns esclarecidos de pensamento e espírito, combater um regime injusto e motivador de desigualdades sociais. Tenta, juntamente com o pai e alguns amigos, travar o processo de formação dos grandes latifúndios do Alentejo, ao recusar vender a sua terra de pequeno proprietário aos grandes e ricos que, a um preço irrisório, conseguem obter as terras dos remediados endividados:

"Que eu já tive alguma coisita de meu, mas hoje tudo quanto eu tinha é do conde de Ferreira. Não sei porquê, que nunca o vi pegar numa enxada...

---

37 José Rodrigues Miguéis, *O Pão não Cai do Céu* (Editorial Estampa, 7ª edição, 1996) 21.

38 *Idem*, 21.

Então ele, que é tão rico, precisa agora de courelas de um pobre?"[39]

É somente uma tentativa, mas que faz nascer a esperança que será possível se se acreditar, se se recusar a ceder, se se não temer a morte ou a prisão:

> – Ele Portugal que é hoje, senão uma cadeia? E vossemecê, tio Augusto, veja se se acautela. – Eu? Ora adeus, menino. Pois que me prendam. Ele mais fome do que a que eu aqui tenho curtido não irei lá passar. Eles não dão de comer aos presos? E eu não fiz crime nenhum. Andei a pedir pão ou trabalho para esse povo. Isso é crime ou vergonha? Só se for pra quem pede! – Para eles é tudo crime. Até estar vivo.[40]

José Boleto fez do seu exílio íntimo o exílio de outros e um grito de revolta consciente contra o que não é aceitável, justo ou razoável.

No romance *O Milagre Segundo Salomé*, as personagens Gabriel, Salomé e Severino demonstram uma profunda sensação de solidão, de isolamento e do sentir-se diferente. As razões para tal são diversas e díspares, como o são os indivíduos que as sentem e as demonstram, partilhando, contudo, mesmo sem saber, um exílio angustiante que os marginaliza do contacto com os outros, porque intimamente auto-excluídos.

Gabriel sente-se só. Ideologicamente evoluído, esta personagem tem uma consciência fina e arguta da sociedade em que vive e que tenta, de alguma forma, modificar ou condicionar com a revelação escrita e até subversiva dos seus pensamentos e comentários em mensagens de autoria irónica e desconcertante – Gabriel Arcanjo, que observa, comenta, ataca, revela e acusa aquilo e aqueles que ele considera corruptos, injustos ou decadentes. Gabriel participa assim n'*A Sementeira*, revista opositora ao regime e ao estado da nação. Esta lucidez torna-o só, porque assim se sente e assim o vêem – aquele que, quase com poderes mediúnicos, consegue antever, ou melhor, denunciar o

[39] *Idem*, 227.

[40] *Idem*, 245.

que vai mal nesta sociedade decadente e podre do século XX:

> A Revolução Nacional! Será a ditadura? O governo militar? O radicalismo? A reacção? Será uma erupção de bexigas, oxalá doidas?"[41];
> "Entretanto o povo espera. A igreja suspira, a Banca respira, os talassas conspiram. Nada disto inspira. A paz reina em Varsóvia: não era o que pediam? Começa a obra do Renascimento. O futuro a Deus pertence: logo – *Ave Caesar*, os moribundos te saúdam! Mas – até onde e quando? *Gabriel Arcanjo (caído).*[42]

Gabriel é aquele que tem coragem de apontar o dedo, de demonstrar a consciencialização de si e dos outros. Escreve bem, poderia ter um futuro promissor, um destino brilhante e prefere ser a voz subversiva e mascarada que denuncia, que acusa e que comenta. Preferiu ser só, porque incapaz de ser como os outros, não partilhando a sua passividade ou desinteresse pelas causas de todos. Preferiu sentir o isolamento pessoal do que sentir-se com os outros e como eles, porque sente, pensa e age de forma diferente, porque a sua consciencialização o impede de ver e nada dizer.

É a Gabriel que cabe o papel de intervenção política, através da revelação triste e desiludida do que o rodeia politica e ideologicamente. Desencantado denuncia, acusa, aponta o dedo e paga o preço que todos aqueles que com um papel activo mas solitário pagam – a marginalização, o isolamento, a solidão, porque são incómodos, porque alertam e gritam o que outros pretendem silenciar. Foi o caminho que escolheu e que a sua consciência lhe ditou – o estar e o sentir-se orgulhosamente só. Esta solidão social e ideológica de Gabriel será compensada no momento que conhece e se une a Salomé. Estas duas personagens vão construindo a dois uma vida simples, recatada, mas feliz pela união de dois exílios: Gabriel sentirá sempre o isolamento íntimo e ideológico, contudo a partilha da existência com esta mulher permitir-lhe-á sublimar a sua impotência perante a sociedade – permitir-lhe-á escrever a sua história e a história dela e, assim, usufruir da possibilidade de agir na

---

41 José Rodrigues Miguéis, *O Milagre Segundo Salomé,* I e II volume (Editorial Estampa, 4ª edição, 2000) 176.

42 *Idem*, 184.

sociedade de forma interventiva, através da palavra literária, exercendo talvez uma intervenção mais acutilante devido à presença de uma história que desencadearia a sedução de mentalidades e afectos:

> Um homem novo e solitário, prudente, sobe o caminho do Castelo e do amor, correndo de portal em portal, de esquina em esquina... Leva consigo o sonho e a crença na vida."[43]; "*Tinha dezasseis anos, e a sombra dum buço na carantonha lorpa, talhada a enxó*... Não parou mais. E assim se lançou na exploração do reino sem limites da liberdade interior, da qual talvez saísse um dia outra e maior liberdade, sua e dos homens.

Salomé é uma personagem feminina, e uma das principais, que nos surge no romance *O Milagre Segundo Salomé* ainda muito jovem, quase adolescente, com o nome de Dores, só depois mudado devido à reviravolta operada na sua vida. Esta personagem é-nos apresentada rodeada por um sentimento de profunda solidão, pois encontra-se só na capital, sem a ajuda de qualquer familiar, que aliás não tem, e sem qualquer meio de sobrevivência. Uma jovem imersa num profundo isolamento interior, numa solidão desesperadamente sentida e indiferente aos demais, um ser vítima da marginalização da sociedade porque é pobre, sem qualquer referência, sem qualquer apoio ou ajuda, sem qualquer interesse para quem quer que seja. Dores é humilde, é inocente e crédula, sobretudo quando alguém – neste caso um homem já de certa idade – lhe presta auxílio. É este homem que a veste e que a alimenta e a ajuda a procurar e encontrar trabalho como criada de servir e ama. Dores acredita neste homem, com idade para ser seu pai, acredita na sua solidariedade gratuita, na sua amizade genuína. Com ele, sente-se menos só, menos isolada da felicidade e da vida, sente-se parte integrante na vida de alguém. É com gratidão que Dores se entrega a este homem mais velho que apenas só isso pretendeu e que ardilosamente conseguiu. É com desespero que o vê afastar-se de si, sentimento que se intensifica devido à gravidez inesperada.

Novamente só, sem trabalho, porque despedida devido ao seu estado não sancionado pelo casamento, marginalizada, isolada na sua vontade de viver

[43] *Idem*, 326.

a gravidez e ter o seu filho, Dores torna-se mais só e mais marginalizada por todos socialmente, sendo este o momento de total abandono que a impele a recorrer à ajuda da senhora da pensão onde tinha os encontros camuflados com o seu *velho*, entrando, desta forma, no mundo da prostituição, como pagamento pela ajuda prestada e pela possibilidade de sobrevivência:

> Nunca se tinha sentido tão pobre nem tão só no mundo. (...) O espectro da fome e do desemprego apavorava-a. (...) Ganhar a vida a fazer com outros o mesmo que tinha aceitado fazer com ele, por piedade ou submissão. Entreter as visitas![44]

O filho morre-lhe à nascença e Dores sente-se intimamente morta. Aquele filho seria o seu resgate de uma tristeza e solidão íntimas, apesar de todas as censuras:

> Uma companhia, o seu amor, uma recordação. Outra, no lugar dela, teria pensado logo na forma de se ver livre do empecilho: Meu Deus, como é que pode haver mães desnaturadas! Começava a querer-lhe. Além disso tinha um certo orgulho, um assombro do fenómeno, um gozo vago. O seu filho. (...) Era alguma coisa que lhe pertencia, a única que poderia chamar só sua (...).[45]

A sua morte e a ingressão na prostituição ditaram um arrefecimento emotivo e uma singular indiferença perante a vida, a morte e o destino. Dores deixou de ser Dores, nome próprio tão revelador da sua existência, e passou a ser Salomé:

"No fim de contas, que tinha ela dado ao seu velho que não pudesse dar aos mais? Indiferença. Sentiu que alguma coisa dentro dela se fechava."[46]

Salomé vive numa casa de prostitutas, é prostituta, e, dessa forma, uma

---

44 *Idem*, 91.

45 *Idem*, 81.

46 *Idem*, 92.

mulher à parte da sociedade, marginalizada e apenas aceite ou tolerada por um pequeno número de pessoas. Contudo, o seu comportamento silencioso que nada exige, o adormecimento interior sem o fogo da paixão, a ausência de sedução dos clientes, o ausentar-se do acto sexual, cumprido por obrigação e sem ostentação de prazer, granjeia-lhe a imagem de recato, de inocência, de pureza, tanto que, rapidamente, é a mais solicitada e aquela que a patroa guarda para os clientes mais importantes, aqueles que compram o desejo renovado de uma virgindade desflorada:

> Chamava-se agora Salomé, um nome para batalhas de amor-fingido. Aprendeu a pôr o pensamento alhures, quando servia. Como não era libertina, isto é, não tinha vícios, paixões, desejos a satisfazer (...) não lhe foi difícil ficar indiferente aos homens. (...) Destinou-a desde logo para os homens de gosto (...). (...) A fama correu: diziam-na sempre-virgem, que nenhum homem a pudera desflorar. (...) àqueles esfaimados, a quem a sua beleza, gravidade e frescura bastavam para excitar ao rubro e precipitar velozmente na rampa do orgasmo. Pagavam-lhe, e ela ficava mais só, fechada e distante.[47]

Salomé, sente-se novamente mais só, sofrendo até a inveja das colegas de profissão, as insistências de clientes importunos. No entanto, tudo lhe é indiferente, porque a sua vida lhe é indiferente qualquer que seja o rumo. E mesmo quando se torna a companheira do banqueiro Severino, Salomé sente-se só, intimamente isolada na incapacidade de amar e de sentir a paixão, incapaz de se entregar de corpo, como lhe impunha o seu dever de profissão, e de alma, sempre adormecida, distante, intocável. É por gratidão que gostaria de amar Severino, que gostaria de saber sentir. Com Severino, a sua vida objectivamente melhorou em termos económicos, uma vez que este faz de Salomé a sua mulher, embora sem carácter oficial, obrigando a sociedade a aceitá-la, a cumprimentá-la e a sorrir-lhe. E a sociedade obedece, porque Severino é rico e porque Salomé tem porte, apresentação e até educação de dama virginal. É talvez na sua vida com Severino que Salomé se sente mais só, porque mais consciente da sua incapacidade para amar e se dar ao outro,

[47] *Idem*, 97-100.

porque desesperadamente consciente da sua incapacidade e do seu isolamento interior. Tanto que acaba por abandoná-lo e dedicar-se à prostituição de rua para sofrer toda a humilhação que a torne digna de sentir qualquer emoção, que a limpe de vez da mancha do pecado pela expiação da marginalização social. E mesmo quando a confundem com a aparição da santa, na sua aldeia de origem, Salomé sente-se terrivelmente só, conseguindo unicamente usufruir do desespero, da raiva e da angústia da indignação que julga marcar a sua existência.

É como prostituta de rua que Salomé sobrevive e conhece a maneira de expiar, de forma feliz e resignada, a sua vida e o seu pecado. É assim que conhece Gabriel, a personagem também enferma do drama do exílio íntimo que já abordamos anteriormente. Juntos tentam combater o isolamento através da conjugação das suas solidões:

> - Vou ter um filho. O nosso filho... (...) Por outro lado, a menina ranhosa e explorada, a que ninguém amara deveras, a fria e estéril Salomé-Dores que não pudera dar amor nem vida, cobrava agora, com ele e através dele, na realização do seu sonho, o prémio da virtude essencial que soubera guardar.[48]

Severino é a terceira peça de um triângulo estrutural do romance *Milagre Segundo Salomé*. De origem pobre e provinciana, esta personagem masculina desde cedo conheceu a marginalização que os outros lhe votavam, principalmente, quando a mãe o mandou para a capital, para um futuro melhor, quando ainda criança, quase a entrar na adolescência. Severino sabia que era diferente, sabia que era pobre e que precisava da ajuda dos outros e do seu trabalho. Sempre se sentiu isolado em si próprio, refugiado na sua ambição de ser rico e ter cada vez mais:

> Sem outro afecto que o que consagrava à mãe e à menina Adélia, Severino viveu muito tempo quase virgem de contactos femininos, se não de tentações. A timidez, o apego aos vinténs, e o pavor da doença que arruinava tantos caixeiros e galegos seus conhecidos,

[48] *Idem*, 339 e 340.

mantinham-no casto.[49]

Esse seu exílio da esfera da emoção e dos sentimentos tornou-o mais calculista, mais materialista e intuitivo para os negócios, mas profundamente só em termos individuais, familiares e sentimentais. Severino, a dado momento, apercebe-se que tem tudo o que o dinheiro pode comprar, bens, certa posição social, influência política. Tudo menos o reconhecimento da sociedade conservadora e tradicionalmente rica e nobre, o que o deixa triste e só:

> Embora o não confessasse, doía-lhe que nem o dinheiro nem a influência o impusessem à «sociedade». A origem humilde, a ascensão fulgurante, as maneiras algo frustes, afugentavam dele a gente «fina», cujo retraimento lhe feria o orgulho.[50]

De facto, aquele pequeno rapaz, de olhar perdido que chegara a Lisboa anos antes, venceu e conquistou um império económico:

"Era a última curva da estrada, e Severino sentiu-se seguro de que, morto o patrão e amigo, seria ele o dono daquele empório."[51]

Contudo esse rapaz fundou não só um império de riquezas, como também um império de solidão – uma existência de exílio familiar e sentimental que o surpreende com a angústia de se sentir só:

"Pensou na velhice sem mulher nem filhos e suspirou. Sempre sozinho, metido consigo e com os seus secretos pensamentos, iria chegar assim ao termo dos seus dias?"[52]

É por este motivo que Severino procura alguém para partilhar a companhia e a vida. Inicialmente, alguém de quem se possa descartar facilmente,

49 *Idem*, 115.
50 *Idem*, 130.
51 *Idem*, 123.
52 *Idem*, 133.

sem compromissos ou obrigações. A escolha, por conselho de amigos, recai em Salomé, devido ao seu porte discreto e doce, devido à sua candura de uma beleza virginal. É em Salomé que Severino descobre a dor da paixão e do amor, porque entre eles falha a conjugação de destinos. Este homem pretende fazer desta mulher a sua esposa, a companheira da sua vida, mas Severino sente-se cada vez mais só, mais exilado na sua incapacidade de fazer Salomé apaixonar-se ou viver resignada a seu lado, e mais exilado nas exigências dos seus negócios. Vê-se abandonado por Salomé e o sucesso dos seus negócios já não é suficiente para colmatar a sensação de solidão ou de exílio, pelo contrário, intensificam-na, por contraste entre o sucesso económico e o fracasso sentimental:

"Percebeu que estava muito mais só que o senhor Serrano, que o tivera a ele para amparo e confidente, e à menina Adélia."[53]

"Com a partida de Salomé, cujo paradeiro ele ignorava, nada aparentemente se alterara, a não ser que as persianas e janelas estavam sempre fechadas, os estores e cortinados corridos, e o palacete mudo. (...) A actividade era nele o bálsamo ou a sublimação dos ferimentos recalcados."[54]

Esta demonstração do sentir-se só e isolado permite-nos, porventura, concluir que as personagens enfermas de uma sensação avassaladora de exílio, experimentado de forma individual, íntima ou social, enveredam por um caminho de aniquilamento do *Eu*, enquanto ser singular e enquanto ser colectivo, dependendo dos casos. Ou seja, o sentir-se diferente, o sentir-se excluído, o sentir-se fora de um mecanismo gregário social, o pressentir a ausência de pertença a qualquer grupo, classe, pensamento ou atitude de cunho globalizante, ou mesmo o pressentir, quase adivinhar, o desvio a uma normalidade comummente aceite, conduz as personagens destes romances, como vimos anteriormente, a uma atitude de auto-exclusão que se salda numa vivência experiencial do exílio. Um exílio de cunho mais íntimo ou mais social ou político, mas sempre um exílio, um exercício da solidão, em

53 *Idem*, 141.

54 *Idem*, 153.

si próprio ou com os outros. Um exílio que traduz um isolamento, imposto pelos outros ou por si próprio, a experiência do viver à margem do colectivo, que conduzirá à morte ou aniquilamento dos ideais, dos pensamentos, das esperanças, das ilusões, da possibilidade do viver no colectivo e com este último, enfim, ao *crime* de pessoas e de perspectivas.